

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

SER PROFESSORA DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS: um processo em movimento

Thayne Garcia Silva (FACED-UFU)
thayne_garcia@hotmail.com

Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende (FACED-UFU)
valeriaufu@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho visa discutir a atuação de bebês e de crianças bem pequenas na constituição de uma prática pedagógica humanizadora e em movimento, atravessada pelo contexto escolar. Trata-se de uma investigação de cunho essencialmente qualitativo, a partir do Memorial de Formação, cuja ferramenta metodológica e de mediação, foram os registros fotográficos das crianças, os quais permitiram provocações, escutas, olhares e um diálogo profícuo entre o fazer docente e o ser criança. Para tanto, tomamos como interlocutores os estudos de Sarmento e Pinto (1997), Abramowicz e Oliveira (2010), Vigotski (2009). A geração de dados foi a partir das atividades cotidianas da sala de um agrupamento de crianças de 10 meses a 1 ano e 11 meses, de uma escola municipal de educação infantil da cidade de Uberlândia/MG. Os resultados do estudo indicam a relevância do protagonismo dos bebês e das crianças bem pequenas para a organização e planejamento das atividades educativas do cotidiano da sala de aula voltadas para o processo de humanização de cada criança na sua singularidade forjada no coletivo infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica. Protagonismo infantil. Práxis docente.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da pesquisa e reflexões geradas a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, realizado como exigência do componente curricular TCC 2 do curso de graduação de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia intitulado como “A escrita de si e narrativas fotográficas como possibilidade de uma práxis docente” apresentado em dezembro de 2018.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado na modalidade de um Memorial de Formação que buscou por meio do diálogo entre a formação docente, a prática pedagógica e as crianças, mediado pelos registros fotográficos e a escrita das memórias das cenas, dos assombros, descobertas das falas e comportamentos

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

das crianças no cotidiano escolar, refletir como os registros escritos e o movimento convergente entre formação e atuação docente se fazem significativos instrumentos no processo formativo e constitutivo de ser professora e de reflexão da práxis.

Assim, a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, foram adotados como procedimentos metodológicos os registros fotográficos das crianças em interação com os seus pares em atividades cotidianas e as provocações teórico-críticas acerca da prática educativa. A geração de dados foi realizada em uma instituição pública de Educação Infantil da rede municipal de Uberlândia, com uma turma de 18 crianças do G1, que correspondia ao agrupamento de crianças entre 10 meses e 1 ano e 11 meses de idade.

Para fins deste trabalho, discutimos o protagonismo de bebês e crianças bem pequenas na constituição de uma prática pedagógica significativa, atravessada pelo contexto escolar, na busca de repensar as práticas docentes bem como superar a ideia de criança passiva, frágil, dependente e incapaz. E, em seguida, apresentamos análises dos dados imagéticos que demonstram que bebês e as crianças bem pequenas se constituem como sujeitos ativos, competentes, potentes, de direitos, co-construtores de conhecimento, identidade e cultura, na medida em que as práticas pedagógicas do dia-a-dia possibilitem essas oportunidades, situações e espaço-tempo para que elas possam interagir com seus pares e com o ambiente, e, por conseguinte, balizando uma prática pedagógica comprometida com a infância e com o direito da criança de ser criança.

2 PROTAGONISMO INFANTIL

A criança por muito tempo foi vista como um ser passivo e como um papel em branco, em que por meio da ação de um adulto seria marcada com linguagem, regras de convivência, símbolos e formas de se relacionar. Como consequência dessa concepção, a criança acabou sendo silenciada, excluída e invisibilizada aos

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

olhos dos adultos e, portanto, ausente das reflexões da formação do professor para a educação básica.

Autores como Vigotski (2009) ampliaram as discussões e a compreensão da criança como ser social, que traz as marcas do meio em que vive e que se constitui como ser humano na relação com o outro.

Com perspectiva semelhante podem ser referenciados os estudos da Sociologia da Infância, que a partir dos anos de 1990, se apresenta como um promissor campo de conhecimento em oposição à visão da invisibilidade da criança advinda predominantemente da Pedagogia e Psicologia Tradicionais e Sociologia da Educação. Esses campos de saber concebem a criança a partir de uma ideia de passividade, incapacidade de dizer algo e de que sua socialização, é unicamente orientada por adultos e instituições sociais.

Abramowicz e Oliveira (2010, p.43), afirma que “a partir da Sociologia da Infância a criança não é entendida como uma criança essencial, universal e fora da história”, mas como ser social e histórico, em que os fatores de heterogeneidade como etnia, classe social, gênero, religião, dentre outros também devem ser considerados em sua constituição, uma vez que, diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças.

Para Sarmiento e Pinto (1997, p. 20-22),

a consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores(...) implica o reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas.(...) Os estudos da infância, mesmo quando se reconhece às crianças o estatuto de actores sociais, tem geralmente negligenciado a auscultação da voz das crianças e subestimado a capacidade de atribuição de sentido às suas acções e aos seus contextos.

Nesse sentido, para se pensar sobre protagonismo infantil é necessário que haja uma mudança na visão que se tem da criança para que as práticas

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

pedagógicas e os fazeres em sala de aula também se (res)signifiquem, e se tornem ações intencionalmente ricas de aprendizagens e atitudes humanizadoras.

A escola, a sala de aula, as atividades, os tempos, espaços e rotinas devem partir do pressuposto de que a criança é um sujeito de direitos, é um ator social e é construtora de cultura e conhecimento, para que assim os fazeres do dia-a-dia se tornem oportunidades de que ela assim seja e realize.

Nas turmas de G1 de período integral, o banho é parte obrigatória da rotina e no período da manhã, salvo exceções de necessidade, tem seu horário fixado entre 8h40 e 9h40. Atualmente na Prefeitura Municipal de Uberlândia, as turmas de G1 têm 18 crianças para o quantitativo de 1 professora e 2 educadoras. Ou seja, em um esquema de trabalho entre as duas educadoras, cada banho já acrescido o tempo de retirar e vestir as roupas em cada criança pode levar pouco mais de 6 minutos.

Algumas professoras optam por não participarem do rodízio que divide os banhos com as educadoras por entenderem que esse é um momento exclusivo de cuidado e não um momento educativo. E algumas educadoras, apesar de darem banhos, também concebem como verdade essa separação entre o cuidar e o educar e fazem desses 6 minutos um mero ato mecânico obrigatório.

Mas quem disse que o banho não oportuniza aprendizado? Quem determinou que 6 minutos são suficientes para oportunizar autonomia, protagonismo e corresponsabilidade? O banho não é ato de autocuidado e que deve ser também ensinado?

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2013) trazem como objetivo da proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil a promoção do desenvolvimento integral das crianças entendendo o cuidado como parte indissociável do processo educativo concebendo as práticas envolvidas nos atos de cuidado pessoal como práticas que respeitam o direito à dignidade humana da criança de ser bem atendida nesses aspectos e também possibilitar através da mediação do adulto as competências necessárias para que ela aprenda, por exemplo, a cuidar de si. Nesse contexto, para responder tais provocações,

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

na fotografia¹ a seguir está a Vitória (nome fictício²), 1 ano e 8 meses, que enquanto aguarda outro colega terminar o banho foi incentivada pela pesquisadora, a tirar a própria sandália e as roupas para iniciar o seu próprio banho.

Fotografia 1 – Protagonismo Infantil 1



Fonte: Arquivo pessoal

O tempo das crianças não é igual ao tempo dos adultos, porém, assim como o momento do banho, a hora do almoço também é cronometrada e as crianças têm cerca de 25 minutos para se alimentarem.

Uma prática recorrente nas salas dos bebês e das crianças bem pequenas nesse momento é que as profissionais da turma ofereçam o almoço diretamente na boca da criança não oportunizando, assim, que ela tente ou se alimente sozinha.

¹ No ato da matrícula escolar os pais assinam um termo de autorização para o registro fotográfico e uso de imagem das crianças. Portanto, todas as fotos presentes neste estudo têm consentimento dos responsáveis legais das crianças. E dada a riqueza que as fotografias retratam e a impossibilidade de descrevê-las em uma única frase, optamos por uma padronização dos títulos das figuras a fim de não reduzir suas narrativas.

² Todos os nomes de crianças apresentados no presente trabalho são nomes fictícios.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Como argumentos principais para a não experimentação e aprendizagem das práticas alimentares estão a bagunça que pode acontecer durante a tentativa, e, a falta de tempo, uma vez que tal prática demandaria um maior período para se alimentarem e por fim, se oportunizar as crianças se alimentarem sozinhas, elas irão se sujar, o que implicaria outros trabalhos e serviços.

Entretanto, o que se vê são apenas discursos prontos e acomodados sem nem ao mesmo uma tentativa que prove ao contrário. Quem disse que não pode fazer bagunça? Mas como a criança vai aprender a comer sozinha sem que ela de fato possa tentar comer sozinha? Quem determinou que 25 minutos é o tempo suficiente para que todas as crianças se alimentem? Criança na escola não pode se sujar?

Tristão (2004), ao falar desses momentos e espaços coletivos criados para as crianças e as potencialidades das marcas da experiência constitutivas adquiridas no cotidiano, ressalta que é papel das professoras permitir, bem como criar condições, para que as crianças experimentem, tentem, provem e sintam no contexto da creche e ainda destaca a importância de as professoras de crianças pequenas não se deixarem levar pela voracidade de uma rotina que automatiza ações e homogeneiza e desumaniza pessoas.

Sendo assim, ao pensarmos nesse papel das professoras, por que não repensar esses tempos, espaços e relações que não atendem as demandas das crianças de modo significativo e com qualidade? Por que não repensar esses rituais mecânicos e controladores no conjunto das ações educativas?

Nessa perspectiva, com esses questionamentos e os registros fotográficos que revelam a potência de cada criança, é possível apontar a importância e a complexidade presente na percepção e atuação das crianças, desconstruindo concepções e práticas que as tornam invisíveis por um agir docente sem intencionalidades que perdem momentos privilegiados de formação e reflexão e retira de cada criança a oportunidade de construir autonomia, emancipação, autocuidado e humanização.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Nas creches ainda hoje há vários profissionais que ainda concebem os bebês e as crianças como sujeitos passivos e alheios ao processo de ensino-aprendizagem e como consequência dessa concepção têm suas práticas refletidas em discursos como: “Pode ser de qualquer jeito, eles não entendem mesmo”. Entretanto, partindo do pressuposto teórico que a Educação Infantil deve privilegiar a formação e o desenvolvimento integral das crianças em todas as suas potencialidades, oportunizando experiências ricas, significativas e de qualidade, contemplando contextos educativos que privilegiem a rotina, o tempo, o espaço, as múltiplas linguagens e as relações, além de compreender a criança como sujeito social, histórico e cultural que está inserida em um mundo de múltiplas linguagens pelas quais lhe servem de apoio para seu próprio processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, é possível outro discurso e, sobretudo, outra prática.

Barbosa (2009, p.100), afirma que em suas práticas diárias o professor deve “não apenas conhecer os contextos e apropriar-se de diferentes instrumentos e estratégias de ação pedagógica, mas construir uma história, uma narrativa com o grupo”. Para isso, se faz necessário um planejamento voltado para experiências que provoquem o desejo e a necessidade de aprender por meio da criação de condições materiais do espaço, da seleção intencional dos recursos e da proposição de situações que possibilitem que a criança assuma posições de protagonismo.

Outra situação do protagonismo infantil a partir de uma perspectiva que entende a criança como também produtora de cultura e que suas produções devem ser valorizadas, pode ser vista em uma atividade acompanhada pela pesquisadora sobre moradia, em que em roda de conversa, após a professora contar uma história sobre o tema, foi proposto que as crianças recriassem a casa da história que haviam ouvido, a partir de formas geométricas dispostas no chão. Ainda que seja questionável o fato das partes já prontas e a recriação da obra do autor do livro no lugar da própria criação, o que chama atenção foi a valorização do que elas fizeram como trabalho final.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

A casa tomou forma e a professora não organizou as peças de maneira simétrica, alinhada ou esteticamente como um adulto faria. Ela deixou que as crianças colassem as partes cada uma do seu jeito sem interferir ou “consertar” o que elas fizeram, deixando assim, a produção final tal qual fora construída pelo coletivo.

O que provoca as seguintes perguntas: Quando falamos sobre ética e estética no curso de Pedagogia? Quando falamos sobre a participação da criança como portadora de diversidade e alteridade nas exposições espalhadas pela escola em que se veem produções dos adultos e minimamente autoria infantil?

Fotografia 2 – Protagonismo Infantil 2



Fonte: Arquivo pessoal

Outro discurso comum nas turmas de G1 é que as crianças só aprendem o que lhes é ensinado, ou seja, há uma crença de que a criança não é capaz de criar suas próprias hipóteses e conhecimento sem que o adulto interfira diretamente no seu aprendizado.

Na foto a seguir, em momento de brincadeira com blocos de encaixe, João Pedro, 1 ano e 2 meses, e Matheus, 1 ano e 8 meses, montam uma torre em que o

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

topo em dado momento ultrapassa a altura que ambos podem alcançar para acrescentar mais peças. Também chegando nessa conclusão, Matheus chamou a professora para que ela colocasse as peças no topo da torre para ele. A professora, entretanto, não atendeu ao pedido da criança e os instigou a procurarem outros meios de aumentar sua torre.

Assim, depois de algumas tentativas eles subiram em outras peças para alcançar o topo e também encaixaram duas peças por vez antes de as colocarem no alto da torre. Depois de muitos outros testes, Matheus teve a ideia de deitar a torre no chão cuidadosamente e colocar várias peças para que posteriormente pudesse a levantar.

Por que é tão difícil para o/a professor/a compreender e valorizar a capacidade e a competência das crianças? Por que ainda insistimos em fazer por elas ao invés de instigá-las a experimentar, tentar e conquistar?

Fotografia 3 – Protagonismo Infantil 3



Fonte: Arquivo pessoal

Observando essas imagens, é possível questionar como aprender a ouvir a voz da criança e ter uma escuta sensível que reconhece seu direito à palavra quando não vivenciamos isso enquanto alunos na formação inicial e raramente

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

vivenciamos nos espaços institucionais? Por que cenas como estas, ainda denunciam a nossa incapacidade de perceber as diferentes formas das crianças serem, estarem e agirem no mundo ou simplesmente admitir que elas escapam ao estabelecido? Como não institucionalizar o brincar e as infâncias?

As fotografias e os relatos mostram possibilidades, mostram que a prática pode sim dialogar com a teoria, mostram que a teoria/prática se materializam em sala de aula, mostram também que ainda há muito que se repensar e caminhos a se percorrer na formação e na atuação docente.

É preciso criar espaços de debate constante acerca de quem são essas crianças para que as representações sociais de quem somos – professoras e educadoras – possam dialogar com a infância forjando novas compreensões. É urgente a necessidade de desconstrução e rompimento de paradigmas construídos historicamente que tem uma visão de criança abstrata e vazia que não é relacionada ao seu contexto histórico, social e cultural.

Nesse sentido, este trabalho indica a relevância do protagonismo dos bebês e das crianças bem pequenas para a organização e planejamento das atividades pedagógicas do cotidiano da sala de aula voltadas para o processo de humanização de cada criança na sua singularidade forjada no coletivo infantil e, por conseguinte, possibilitando um (re) pensar a docência na educação infantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumir que a criança, na condição de protagonista e de mediadora das práticas pedagógicas, configura-se um elemento constitutivo da docência para a educação infantil, que se faz na inter-relação entre a formação, as crianças e os confrontos cotidianos da concretude da sala de aula.

Segundo Tardif (1991), a docência é uma profissão que se constrói cotidianamente, em que além dos conhecimentos da formação, do currículo e da

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

disciplina de ensino, os saberes da experiência que são desenvolvidos e construídos no exercício da profissão e por ela validados, também são parte formativa fundamental no processo contínuo de ser professor. E, fundamentalmente também pelo aprendizado com o outro, com as crianças, uma vez que, falar das crianças que atravessam o a docência é (re)significar o ser professora, é buscar a práxis na formação.

Práxis, aqui entendida em consonância com a definição de Sánchez Vázquez (2007, p. 266, apud BERBEL, 2013, p.330), que considera que “práxis é a ação do homem sobre a matéria e que através dessa ação ele promove a criação de uma nova realidade”, sendo, portanto, a práxis uma atividade consciente, informada, reflexiva, intencional e transformadora.

Berbel (2013, p.326), complementa ainda afirmando que a práxis é o termo que pode sintetizar a relação entre teoria e prática e que por ser compreendida como uma relação dialética, não necessariamente harmoniosa, mas em que a partir de sua constante tensão ou conflito entre seus elementos, não procura acomodação, mas sim um movimento permanente de possibilidade do avanço da compreensão de um e de outro.

Dessa forma, as crianças também protagonizam um papel formador para o professor, uma vez que, a fim de responder as demandas, necessidades, expectativas, dúvidas, provocações, saberes e emoções delas, o professor, busca a práxis na formação como um movimento que assegura ações refletidas em prol de criar novos sentidos e mudanças no modo de pensar, estar no mundo, de ser e de ser professor.

Por fim, falar das crianças que atravessam o cotidiano escolar implica dizer de cada professor/ professora, que num movimento dialético constitui e é constituído pelas relações que devem ser humanizadoras e transformadoras do ser criança e do ser professor/a.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 39 - 52, maio 2010. ISSN 1984-6444. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>>. Acesso em: 14 nov. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/198464441602>.

BARBOSA, M.C. S. **Práticas cotidianas na educação infantil**: bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BERBEL, N. N. **Didática e Práxis**. In: II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Londrina: UEL, 2003. p. 321 – 336.

BRASIL. MEC/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

SARMENTO, M.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. J.; PINTO, M. **As crianças, contexto e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Os professores face ao saber docente: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria e Educação, n. 5, p. 215-233, 1991.

TRISTÃO, F.C. D. **Ser Professora de Bebês**: um estudo de caso em uma creche conveniada. Florianópolis, 2004. Tese (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2009.